

ABRACADABRA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

EM ARTES CÊNICAS

**COMO AS ARTES
COMUNICAM AOS ALIADOS**

da cena

**PODEM
RESPONDER À**

PANDEMIA

**CAOS
POLÍTICO**

**NO
BRASIL**

Organizadores: Ana Terra, Matteo Bonfitto,
Silvia Geraldi e Renato Ferracini

**COMO AS
ARTES DA
CENA PODEM
RESPONDER
À PANDEMIA E
AO CAOS
POLÍTICO NO
BRASIL?**

Organizadores:
Ana Terra
Matteo Bonfitto
Silvia Geraldi
Renato Ferracini



ABRACE

Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas.

Diretoria ABRACE

Gestão - 2019-2020... e pandemia

PRESIDENTE

Pq. Dr. Renato Ferracini (LUME - UNICAMP)

1ª SECRETÁRIA

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães (DACO - UNICAMP)

2ª SECRETÁRIA

Pqa. Dra. Raquel Scotti Hirson (LUME - UNICAMP)

TESOUREIRA

Profa. Dra. Mariana Baruco (DACO - UNICAMP)

COMISSÃO EDITORIAL

Profa. Dra. Ana Terra (DACO - UNICAMP)
Prof. Dr. Matteo Bonfitto (DAC - UNICAMP)
Profa. Dra. Silvia Geraldi (DACO - UNICAMP)

CONSELHO FISCAL

Profa. Dra. Patrícia Leonardelli (UFRGS)
Prof. Dr. Robson Haderchpek (UFRN)
Prof. Dr. Daniel Marques da Silva (UFBA/UFRJ)

SUPLENTE DO CONSELHO FISCAL

Profa. Dra. Melissa dos Santos Lopes (UFRN)
Prof. Dr. Marcilio Vieira (UFRN)
Profa. Dra. Ana Cristina Colla (LUME)

EDITORIAÇÃO E DESIGN EDITORIAL

Arthur Amaral

EDIÇÃO

ABRACE

CO-EDIÇÃO

Prof. Dr. Jorge das Graças Veloso (UnB)

COMITÊ EDITORIAL

Alba Pedreira Vieira

Alexandre Falcao de Araujo

Ana Paula Ibanez

Carlos Arruda Anunciato

Cassiano Sydow Quilici

Clóvis Dias Massa

Daniel Reis Plá

Daniela Amoroso

Daniele Pimenta

Denise Mancebo Zenicola

Dodi Tavares Borges Leal

Flavio Campos

Ismael Scheffler

Jandeivid Lourenço Moura

Jorge das Graças Veloso

José Denis de Oliveira Bezerra

José Sávio Oliveira Araujo

Julio Moracen Naranjo

Katya Souza Gualter

Lidia Olinto

Ligia Tourinho

Lucia Romano

Luciana Lyra

Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi

Marcia Maria Strazzacappa Hernandez

Maria Brígida de Miranda

Marianna Francisca Martins Monteiro

Martha De Mello Ribeiro

Naira Ciotti

Natacha Muriel López Gallucci

Paulo Marcos Cardoso Maciel

Rebeka Caroça Seixas

Robson Carlos Haderchpek

Stênio José Paulino Soares

Valeria Maria Chaves de Figueiredo

Veronica Fabrini Machado de Almeida

Vicente Carlos Pereira Junior

Wellington Menegaz de Paula

C735

Como as artes da cena podem responder à pandemia e ao caos político no Brasil? [recurso eletrônico] / organizadores: Ana Terra ... [et al.]. – Campinas : Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Artes, 2021.
1545 p. : il.

Inclui bibliografia.

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://portalabrace.org/4/index.php/anais-e-publicacoes/e-books-da-abrace>>.

ISBN 978-65-88507-02-5 (e-book)

1. Artes cênicas. 2. Infecções por Coronavirus. 3. Política - Brasil. I. Terra, Ana (org.).

CDU 792



COMO AS ARTES DA CENA PODEM RESPONDER À PANDEMIA E AO CAOS, POLÍTICO NO BRASIL?

Editorial

Diante do que não entendemos, muitas possibilidades se abrem. Pensando sobre a visão, podemos tentar adaptar o que acreditamos conhecer e fazer ajustes para, com isso, trazer alguma luz ao que não conseguimos enxergar. Considerando a audição, podemos tentar parar para escutar melhor a fim de ampliar o nosso horizonte aural e, quem sabe, reconhecer sonoridades até então não captadas. Independente dessas e de muitas outras possibilidades que podemos explorar, o deparar-se com o que não entendemos pode atuar como gerador de uma significativa expansão perceptiva, de mudanças de lógica, de modos de ser/estar no mundo. Em outras palavras, situações como essas podem ser oportunidades valiosas.

Cabe observar que as expansões perceptivas que emergem do não entendimento – nesse caso, produzido pela sobreposição entre o caos político que vivemos e o crescimento descontrolado da pandemia de Covid-19, ambos conectados pelo elo da necropolítica que irremediavelmente nos invade – não pretendem absolutamente neutralizar o importante exercício crítico que deve igualmente ser praticado em momentos como esse.

Talvez o entrelaçamento entre essas duas perspectivas possa constituir o eixo que, como uma tensão que não se resolve, permeia as seis seções propostas neste livro, a saber – Cena, resistência e experimentações digitais; Corpo, artes da cena e episteme; Feminismos plurais, performances e performatividades; Práticas de cuidado e espiritualidade; Ações performativas em isolamento; e Transversalidades dissonantes – somando um total de sessenta e sete trabalhos.

Sempre “presentes”, as artes da cena buscam aqui revelar, uma vez mais, o seu papel como geradoras de fissuras e ruídos extemporâneos que nos fazem entrever (com Agamben) caminhos possíveis em meio ao escuro do nosso tempo, para tentar (com Krenak) propor práticas para adiar o fim do mundo.

Comissão Editorial Abrace
Gestão 19/20/21

Ana Terra

Matteo Bonfitto

Silvia Geraldi

SUMÁRIO

capítulo 1

Cena, resistência e experimentações digitais

DOSSIÊ DO DESCURSO

Adriana Jorgge, Adriane Henandez, Chico Machado, Henrique Saidel,
Mesac Silveira, Patricia Leonardelli, Rodrigo Sacco Teixeira _____ 15

CRÔNICA: LIVEVER - A CENA E A LIVE

André Carrico _____ 95

ESPECTADORES DE UMA TEATRALIDADE PANDÊMICA: POEMAS DE CÁ E DESDE AÍ ONDE VOCÊ ESTÁ

Sócrates Fusinato _____ 99

POR UMA PEDAGOGIA TEATRAL TRANSFORMADORA: UM OLHAR PARA A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Anita Cione Tavares Ferreira da Silva _____ 117

TEATRO ON-LINE, TEATRO VIRTUAL, TEATRO POR STREAMING, TEATRO-MÍDIA? QUE TEATRO É ESTE QUE ECLODIU COM A PANDEMIA?

Maíra Castilhos Coelho _____ 144

O ESPAÇO EXPERIMENTAL DO PETECA

Mônica Melo _____ 172

VIDEOARTES CONTRA O CORONAVÍRUS: ENFRENTANDO PROBLEMAS PANDÊMICOS REAIS E EXPERIMENTANDO ESPETACULARIDADES VIRTUAIS

Filipe Dias dos Santos Silva, Michel Silva Guimarães _____ 198

QUEM SERÁ POR NÓS? ARTISTAS EM MEIO A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

Priscila Rosa _____ 216

O CIRCO, A PANDEMIA E O NÓ NA GARGANTA.

Daniele Pimenta _____ 224

VIVAM OS LOUCOS DAS LIVES! ARTE, FILOSOFIA E PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Charles Feitosa (UNIRIO) _____ 240

MOTIM NA QUARENTENA: DEBATES E AFETOS EM REDE

Profa. Dra. Luciana de F. R. P. de Lyra, Carolina Passaroni _____ 253

<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO – RELATO 1: APRESENTAÇÃO, PALESTRAS E MESAS TEMÁTICAS</i>	
Ismael Scheffler, Luiz Henrique Sá, Olívia Camboim Romano _____	287
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 2: COMUNICAÇÕES DE PESQUISA</i>	
Aby Cohen, Mariana Cesar Coral, Rosane Muniz Rocha _____	314
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 3: TEATRO FÓRUM E DESIGN EXPANSIVO COMO ESTRATÉGIAS DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO DIGITAL</i>	
Dalmir Rogério Pereira _____	339

capítulo 2

Corpo, artes da cena e episteme

<i>COLORIDO ESPECÍFICO: DAS COISAS POSSÍVEIS EM MEIO AO TANTO.</i>	
Heloisa Gravina, Michel Capeletti, Clarissa Ferrer, Guilherme Capaverde, Leticia Nascimento Gomes, Pâmela Ferreira, Thiago Santos _____	364
<i>TERRITÓRIOS DISRUPTIVOS: O CORPO-TEATRO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO</i>	
Martha Ribeiro _____	406
<i>IMPACTOS DA CRISE PANDÊMICA E POLÍTICA NO CORPO E EM SEU FAZER ARTÍSTICO</i>	
Tatiana Melitello _____	426
<i>DANÇA MODERNA E NOVAS EPISTEMES PARA O SÉCULO XXI</i>	
Tatiana Wonsik Recompenza Joseph _____	444
<i>DANÇA(S) COMPARTILHADA(S): COLABORAÇÃO ARTÍSTICA COM DANÇA EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL</i>	
Melina Scialom _____	476
<i>DANÇAS EM QUARENTENA</i>	
Denise Mancebo Zenicola, Alba Vieira, Leda Ornellas, Débora Campos, Leticia Infante, Gisela Zaccari, Maria Paulo, Calé Miranda, Sofia Vivo, Carlos Ujhama _	502
<i>ENCRUZILHADAS E ENTRELAÇAMENTOS: TROCAS INTERINSTITUCIONAIS</i>	
Flávio Campos, Katya Gualter _____	515
<i>SILÊNCIO (29/04/2020 – 06/10/2020...)</i>	
Débora Campos de Paula _____	552
<i>O GRUPO PÉS COM E SEM PANDEMIA: DANÇA-TEATRO PARA/COM/POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA</i>	
Mônica Gaspar, Lidia Olinto _____	562



*COVID-A - 108.054 SEGUNDOS DE DANÇA POR CADA VIDA
INTERROMPIDA: PRIMEIRAS REFLEXÕES*

Valéria Vicente, Líria de Araújo Morais, Carolina Dias Laranjeira _____ 599

ESCRITOS CÊNICOS SOBRE A INTIMIDADE DE NOSSAS DANÇAS DIGITAIS

Maria Inês Galvão Souza, Fernanda de Oliveira Nicolini _____ 638

“BELISCA AQUI”: DANÇAS DA/NA/A PARTIR/DA PANDEMIA DE 2020

Alba Pedreira Vieira _____ 666

DANÇA NA PANDEMIA

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães, Beatriz Silvestre Rodrigues de Souza, Cássia Natiele Silva Durães _____ 696

capítulo 3**Feminismos plurais, performances e performatividades***BILHETES DE MULHERES DA CENA EM RESISTÊNCIA*

Dodi Leal, Luciana de F. R. P Lyra, Maria Brígida de Miranda, Lúcia Romano, Lígia Tourinho. _____ 712

CANSAÇO E CRIAÇÃO PERFORMATIVA EM CONTEXTO PANDÊMICO

Andre Luiz Rodrigues Ferreira _____ 734

*AS ARTES DA PRESENÇA CONTRA O APAGAMENTO HISTÓRICO AMBIENTAL:
UM MANIFESTO ECOPERFORMATIVO DECORONIAL*

Ciane Fernandes _____ 757

BREVES CRIAÇÕES PANDÊMICAS EM CARTAS NÁUFRAGAS

Patricia Fagundes, Louise Pierosan, Aline Marques, Daiani Picoli “Nina”, Juliana Kersting, Débora Souto Allemand, Iassanã Martins _____ 793

PERFORMANCE COMO EDUCAÇÃO EM PANDEMIA

Estela Vale Villegas _____ 829

*AS ARTES CÊNICAS EM MEIO A PERFORMANCE PANDÊMICA DE UMA
SOCIEDADE INSUSTENTÁVEL*

Luiz Naim Haddad _____ 856

capítulo 4**Práticas de cuidado e espiritualidade***TIRAMOS A PELE, LAVAMOS A ALMA*

Nara Keiserman _____ 887



COMO VOCÊ ESTÁ SE SENTINDO HOJE? A CLÍNICA PERFORMATIVA DA UNIRIO
Juliana Manhães, Leticia Carvalho, Marcus Fritsch, Nara Keiserman,
Tania Alice _____ 908

capítulo 5

Ações performativas em isolamento

SEXAGENARTE - A VIDA NÃO PARA: OS PONTOS CARDEAIS DE MUITAS HISTÓRIAS
Rodrigo Sacco Flores Almeida Teixeira _____ 935

MODELAGEM DA MEMÓRIA OU INSIRA SUA JUSTIFICATIVA AQUI
Daniel Silva Aires, Mônica Fagundes Dantas _____ 940

QUARENTENA - QUANDO A ESPERA SE TORNA UMA AÇÃO
Éden Peretta, Bárbara Carbogim, Cláudio Zarco, Amanda Marcondes,
Vina Amorim, Daniela Mara, Diego Abegão, Fernando Del, Marina Freire,
Jefferson Fernandes _____ 954

*JOGO DO ESPELHO NOS TEMPOS DE COVID - AS ESTRATÉGIAS PARA
AULAS DE TEATRO SOB ISOLAMENTO SOCIAL.*
Elizabeth Medeiros Pinto, Suzane Weber Silva _____ 962

TEATROPALESTRA CAPETALISMO, PANDEMIA E PANDEMÔNIO.
Stefanie Liz Polidoro _____ 976

*[sem título] - AUSÊNCIA E PRESENÇA COMO FORÇA POÉTICA
NO ISOLAMENTO SOCIAL*
Ms. Rafael Machado Michalichem, Ms. Renata Mendonça Sanchez _____ 989

CORPORALIZANDO ECO-SOMÁTICA (HOLONÔMICA) #EM CASA
Carla Vendramin _____ 1004

DOIS AMORES E UM BICHO - UMA CARTOGRAFIA DA CONVIVÊNCIA
Danielle Martins de Farias _____ 1033

RECORTE-COLAGEM E ALGUNS REMENDOS
Silvia Balestreri _____ 1037

UM POEMA FILOSÓFICO PARA SE VIVER, MESMO NA PANDEMIA
Domenico Ban Jr. _____ 1044

VÔOS TANGENCIAIS DE AUTOEXPRESSÃO
Patrícia Souza de Almeida _____ 1049

capítulo 6

Transversalidades dissonantes

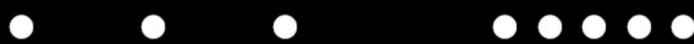
- O USO DE MICRO-CONTROLADORES ARDUINO E A “CULTURA MAKER” NO ENSINO DE ILUMINAÇÃO CÊNICA: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES COM A ILUMINAÇÃO NAS RENOVAÇÕES DOS ESPAÇOS CÊNICOS*
Rafaela Blanch Pires _____ 1054
- PANORAMA DO ENSINO DE DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NAS MICRORREGIÕES CHAPADA DO APODI E SERIDÓ OCIDENTAL/RIO GRANDE DO NORTE*
Marcilio de Souza Vieira _____ 1079
- DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, UM ESTUDO SOBRE A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) E AS ESCOLHAS CURRICULARES DO DOCUMENTO DO RIO GRANDE DO NORTE.*
Carolina Romano de Andrade, Marcilio de Souza Vieira _____ 1103
- ACERVOS DOCUMENTAIS EM RELAÇÃO: UMA POÉTICA DE ATUALIZAÇÃO NA TÉCNICA DE EVA SCHUL*
Fellipe Santos Resende, Suzane Weber da Silva _____ 1139
- RESSONÂNCIAS DE UMA PRESENÇA E UMA ESCUTA: DO QUE SE FAZ EM TEATRO E DANÇA*
Valéria Maria Chaves de Figueiredo, Adriano Jabur Bittar _____ 1155
- DESVELANDO A ÂNIMA*
João Vítor Ferreira Nunes _____ 1172
- MEU INVENTÁRIO NO CORPO*
Mylene da Silva Moreira, Flávio Campos _____ 1202
- A POÉTICA DA APARIÇÃO E CURA: REFLEXÕES A PARTIR DA GRAMÁTICA NEGRA CORPORAL AMPLIFICADA*
Janaína Maria Machado (UFBA) _____ 1223
- DO TEATRO QUE É BOM... O PENSAMENTO ESTÉTICO TEATRAL DE OSWALD DE ANDRADE.*
Nanci de Freitas _____ 1238
- O AUTOENFRENTAMENTO: PRÁTICAS DE YOGA E MEDITAÇÃO NA FORMAÇÃO DA ATRIZ*
Daniela Corrêa da Cunha, Daniel Reis Plá _____ 1273
- O DESPERTAR CONTEMPORÂNEO NAS RELAÇÕES ENTRE DANÇA E SAGRADO FEMININO*
Lauana Vilaronga Cunha de Araújo, Geisa Dias da Silva,
Tânia Guerra de Souza _____ 1303

<i>CRIAÇÃO INFANTIL: CAMINHOS E QUESTIONAMENTOS</i> Allana Bockmann Novo, Flávio Campos _____	1331
<i>IDENTIDADE MOVEDIÇA: OS TRILHOS DO SAMBA NA CIDADE CULTURA</i> Giullia Almeida Ercolani, Luiz Naim Haddad _____	1344
<i>UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE AS INTERFERÊNCIAS DA CORRENTE TEÓRICA “PÓS-MODERNISMO” NA CRIAÇÃO EM DANÇA NA CONTEMPORANEIDADE</i> Natália Colvero, Flávio Campos _____	1352
<i>CORPO-LUZ: PENSAMENTOS ACERCA DOS PROCESSOS DE CRIAÇÃO DA ILUMINAÇÃO CÊNICA PARA O TEATRO CONTEMPORÂNEO.</i> Ana Luisa Quintas, Alice Stefânia Curi _____	1364
<i>UM RETORNO ATENTO AO BRINCAR: CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A DANÇA</i> Fernanda Battagli Kropeniski, Flávio Campos _____	1402
<i>DA COR DO AZEVICHE: A NEGRITUDE COMO POÉTICA DE RESISTÊNCIA NAS ARTES DA PRESENÇA</i> Stênio José Paulino Soares _____	1414
<i>O TEATRO POLÍTICO E AFROCENTRADO DO BANDO DE TEATRO OLODUM (1990): A FORMAÇÃO DE UM TEATRO NEGRO NA BAHIA.</i> Heverton Luis Barros Reis _____	1440
<i>“DENTES DE CACHORRO E CASCOS DE CAVALO”:</i> O MITO DE MICAELA Mariclécia Bezerra de Araújo _____	1473
<i>É “LEI”!</i> ESPETÁCULO DE DANÇA CONTEMPORÂNEA CRIADO EM PROCESSO COLABORATIVO Alba Pedreira Vieira, Marcus Diego de Almeida e Silva, Carlos Gonçalves Tavares _____	1493
<i>A PRODUÇÃO CULTURAL DO BRASIL OITOCENTISTA E A ATUAÇÃO DE MULHERES NO TEATRO POPULAR.</i> Lílian Rúbia da Costa Rocha _____	1521
<i>FILOSOFIA PERFORMACE: ARQUIVOS AUDIOVISUAIS DAS CULTURAS POPULARES DE AMÉRICA LATINA</i> Natacha Muriel López Gallucci _____	1546



CAPÍTULO 6

transversalidades
DISSONANTES





DESVELANDO A ÂNIMA, PRÓXIMA ÀS NOÇÕES DE GÊNERO

João Vítor Ferreira Nunes (UDESC)¹

__RESUMO

Para toda e qualquer pessoa, o encontro consigo mesma é sempre uma tarefa surpreendente. Um processo delicado que exige muita paciência e atenção, fazendo-se necessário olhar para si, a fim de compreender a própria interioridade. Nesse processo, os indivíduos passam a ter contato direto não apenas com aquilo que admiram em si mesmos, mas também com os conteúdos que, porventura, repudiam, e essas informações só vão ao encontro dos sujeitos conforme estão preparadas/os. Foi me dedicando aos estudos fomentados pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961) que passei a enxergar uma maneira de me conhecer e, acampando em minha dimensão interior, me vi diante de minha *ânima*, que, segundo o autor, é o

¹ João Vítor Mulato é artista-docente em formação, graduada em Pedagogia pela UNINASSAU (2015) e em Teatro pela UFRN (2016). Mestra pelo PPGArC da UFRN (2019). Doutoranda no PPGT da UDESC, bolsista CAPES, sob orientação da Dra. Maria Brígida de Miranda e co-orientação da Dra. Sandra Meyer Nunes. Possui experiências com Dança, Teatro e Performance, chegando à comunicação pelas vias da fala/cena. E-mail: joaovitormulatto@gmail.com

lado feminino oculto presente na dimensão interna dos homens. Neste artigo, lanço mão de pensar a *ânima* e o *animus* analiticamente, e de como vieram, ao longo dos tempos, sofrendo negações e ficando à margem devido aos padrões heteronormativos e compulsórios. Ergue-se, dessa forma, um tripé de interlocução entre noções de gênero, *ânima* e atos performáticos.

__PALAVRAS-CHAVE

Artes da Cena, Energias *Ânima e Animus*, Feminino-masculino, Pesquisa de Escuta.

__ABSTRACT

For each and every person, the encounter with oneself is always an amazing task. A delicate process, which requires a lot of patience and attention, making it necessary to look at yourself in order to understand your own interiority. In this process, individuals come to have direct contact not only with what they admire about themselves, but also with the contents that, perhaps, they repudiate, and this information only goes against the subjects as they are prepared. It was by dedicating myself to the studies promoted by the Swiss psychiatrist Carl Gustav Jung (1875-



1961) that I started to see a way to get to know myself and, camping in my inner dimension, I found myself in front of my spirit that, according to the author, is the hidden feminine side present in the internal dimension of men. In this article, I use analytically and animus to think analytically, and how they have, over time, suffered denials and been left out due to heteronormative and compulsory standards. In this way, a tripod for interlocution is raised between notions of gender, spirit and performance acts.

__KEYWORDS

Performing Arts, Energy Anima/us, Female-male, Listening Research.

CONTEXTUALIZANDO A BASE TEÓRICA FEMININA

Há décadas, o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961) zarpou da terra firme para o universo interior dos humanos. Em todas as suas expedições, não sabia, ao certo, o que encontraria, tampouco o que seria das suas jornadas: se o levariam ao sucesso ou ao fracasso. Mas como era um jovem rapaz com sede de aprender, resolveu



dar continuidade às pesquisas. Por muito tempo, Jung parecia estar mapeando um universo utópico devido a todo o seu desconhecimento; todavia, esse vasto universo tinha muito mais a lhe mostrar do que poderiam imaginar. Ao longo de seus estudos, ele descobriu, e assim desvelou, parte das coisas que nos faz mover enquanto seres humanos, como a nossa *psique*², a nossa *sombra*³, o *ego*⁴ e os *complexos*⁵, assim como outros conteúdos que podem ser vistos como uma verdadeira constelação de informações. Entre os que foram mapeados e estudados por ele, estão dois arquétipos⁶ que influenciam na nossa personalidade como um todo, mas que não podem ser vistos a olho nu: a *ânima* e o *animus*. Trata-se de duas energias que estão presentes em nossa dimensão interna, mais precisamente nas zonas do inconsciente coletivo.

O fato é que, quando descobriu a *ânima*, Jung não estava realizando estudos com a alteridade, ou seja, com seus pacientes – como geralmente fazia –, mas conseguiu confrontá-la numa relação íntima e retroalimentativa consigo mesmo, tendo em vista que estava dando continuidade à sua jornada de individuação. Quem nos apresenta o resultado dessa busca é o junguiano Murray Stein, que diz o seguinte:

² O amplo espaço interior dos indivíduos.

³ Aspectos rejeitados e inaceitáveis que compõem a personalidade.

⁴ O centro da consciência, o eu. (Stein, 2006).

⁵ Conteúdos autônomos do inconsciente pessoal.

⁶ Padrão potencial inato de imaginação, pensamento ou comportamento que pode ser encontrado em todos os tempos e lugares. (Stein, 2006).

Em sua autobiografia, Jung conta uma história a respeito da descoberta da alma. Escreve ele que durante seus anos de intenso trabalho interior após romper com Freud em 1913, houve um período em que se questionou sobre a natureza e o valor do que estava fazendo. Isto é ciência?, perguntou-se. Ou é arte? Ele estava registrando seus sonhos, interpretando-os, algumas vezes pintando, na tentativa de entender o significado de suas fantasias espontâneas. Num dado momento, ouviu uma “voz” feminina dizer, “Das ist Kunst” [isto é arte]. Em seu ego e persona, Jung identificava-se como cientista, não como artista.

Para Jung, isso foi uma importante experiência interior da alma, e tornou-se um ponto de referência-chave para a manifestação da alma na memória coletiva da psicologia analítica. Depois de Jung, muitas outras pessoas que se dedicaram a explorar a imaginação ativa descobriram figuras interiores semelhantes. (Stein, 2006, p. 115-116).

Para intitular ambas as energias, Jung recorreu ao latim e acabou escolhendo as palavras *ânima* e *animus*, que significam, respectivamente, alma e espírito. Acredito que o autor em nada quis remeter ao cunho religioso ao fazer uso desses termos. Muito embora sejam palavras mais vistas nessa esfera, ele buscava tratar de aspectos que são inerentes a todos os sujeitos, independentemente de raça, classe, poder aquisitivo ou orientação sexual.

Todas as suas expedições da terra firme para a dimensão interior dos homens e das mulheres findaram em 1961, quando de sua morte. Neste mesmo ano, as cientistas estavam iniciando as explorações do mundo exterior (Stein,



2006), sendo esta uma jornada reversa à que o psiquiatra realizou. As empreitadas traçadas foram significativas e, por seus estudos, em pleno século XX, Jung ficou marcado como um dos mais renomados pesquisadores sobre a compreensão de *si mesmo*⁷, bem como pela possibilidade de mapeamento da interioridade humana. Zarpas da terra firme para a dimensão interior dos sujeitos, ou de si mesmo, em busca de informações nos campos de dentro é uma árdua tarefa, assemelhando-se a quando sujeitos aventuram-se nas matas escuras e fechadas, ou se jogam em meio a uma manada de elefantes ou de búfalos, ou até mesmo em meio a um enxame, visto que há um conjunto de conflitos com os quais precisam lidar e informações a serem mapeadas e sanadas. Evidentemente, o indivíduo encontrará um emaranhado de conteúdos, mas nada que o confronto não consiga resolver, segundo Jung, uma vez que o contato com o desconhecido é o que nos fará progredir em qualquer empreitada.

Neste artigo, miro os holofotes para a dimensão interior, tendo a mim como pesquisadora e objeto de estudo, mas também me debruço sobre as obras escritas por Jung (2000), Stein (2006) e Johnson (1987), avistando no horizonte a minha feminilidade, ou seja, a *ânima*. Ao longo do corrente texto, apresentarei exemplos de como já foram notados a

⁷ O centro, fonte de todas as imagens arquetípicas e de todas as tendências psíquicas inatas para a aquisição da estrutura, ordem e integração. (Stein, 2006, p. 206).

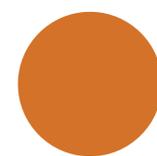


ânima e o *animus*, tendo seus desvelamentos como chaves para os entendimentos de si. Porém, ressalvo que os estudos desencadeados por mim, desde 2013, vêm sendo realizados não na seara da psicanálise ou da psicologia: sou artista que se interessa pelos conhecimentos de Carl Jung, sobretudo pela psicologia analítica, por ter encontrado nessa base teórica a possibilidade de me conhecer ao realizar ações práticas via artes da cena.

De antemão, aproximo as linguagens teórico-práticas das artes cênicas aos conteúdos fomentados por Jung, a fim de olhar mais para dentro e compreender que estou em constante expansão, bem como me aliar ao meu *eu feminino*, coisa que a heteronormatividade hegemônica me impediu de fazer num passado não tão distante. Fazendo isso, percebo que estou diante de uma das infinitas possibilidades de progredir.

Sobre a metodologia utilizada para a realização deste estudo, afirmo que me dedico

[...] à realização da [...] Pesquisa de Escuta, cujo objetivo final é estabelecer trocas de saberes, histórias e conhecimentos em contexto de alteridade. A Pesquisa de Escuta, por sua vez, possibilita que artistas-pesquisadoras passem a destampar ritos que outrora estavam ocultos [...], como também pode ser estabelecida numa relação íntima consigo mesma, via processo de individuação, e que será reconhecida como uma pesquisa sobre si, onde o sujeito conhecerá seus limites,

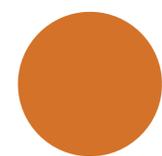


suas particularidades e totalidade. (Nunes, 2020, p. 190).

Dessa maneira, sigo realizando uma jornada de individuação, na intenção de olhar para mim mesma e de dar voz àquelas que estão em minha interioridade, para, então, dar vazão a um estudo sobre minha profundidade anímica, investigando, assim, as várias camadas arquetípicas existentes. Cabe salientar que escrevi todo este artigo no feminino com a intenção de valorizar a minha *ânima*, pois enxergo nesse modo de escrita uma maneira de contribuir para a quebra do padrão imposto a mim quando criança, por meio do qual eu era proibida de me relacionar com o meu eu feminino, ou mesmo de ser um sujeito feminino. Sendo assim, os entendimentos sobre a psicologia analítica de Jung, sobretudo a ideia de *ânima/animus*, me permitiram saber lidar com a minha inteireza, da essência à história, fazendo com que eu não negasse aquela que de fato sou.

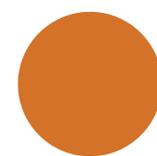
A ÂNIMA, O ANIMUS E SUAS ATUAÇÕES

A *ânima* e o *animus*, energias que estão presentes nos corpos de todas as pessoas, atuam, ambas, fortemente nas nossas personalidades. É nesse sentido que Jung afirma que somos seres andróginos. A *ânima* foi reconhecida pelo autor como o lado feminino oculto que há no interior dos



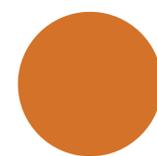
homens, e o *animus*, como o lado masculino oculto que há no interior das mulheres. Segundo Emma Jung (2006), quando não regressas aos porões e à obscuridade da interioridade dos sujeitos, elas se manifestam intensamente por meio das projeções e identificações, e é comum viverem em nós desta maneira, embuçadas.

Em relação à maneira como essas energias influenciam diretamente nossas personalidades, posso apontar que temos dentro de nós uma que naturalmente conhecemos, ou seja, nós mesmas, e que foi lapidada ao longo dos tempos, e outra que pode ser vista como a face oposta a nós, sendo esta *ânima* ou *animus*. Esses polos opostos são totalmente complementares, portanto, uma não vive sem a outra, ou seja, mesmo que regressas, elas se manifestam e atuam sobre nós em alguma medida. Com suas personalidades ativas, acabam gerando tanta força, que deságuam em atuações e, assim, normalmente confundimos essas atuações com as nossas, como, por exemplo, o gosto por coisas, pessoas e objetos. Por meio das relações, ambas as energias se esvaem e se desvelam, seja na relação com a alteridade ou consigo mesmas. Saliento que, no parágrafo abaixo, darei exemplos de atuações que serão iguais às duas energias. Nesse sentido, quando constarem no corpo do texto as palavras unidas “*ânima/animus*”, saibam que estou me referindo a algo que é semelhante entre elas.



A *ânima/animus* age da seguinte maneira: manifesta-se e projeta por meio de nós as coisas que agradam a ela primeiramente e, por consequência, a nós mesmos. Dessa maneira, devido a suas decisões, aquilo que escolhe também nos agradará enquanto sujeitos. Todavia, há vezes em que a nossa personalidade confrontará as decisões das energias, fazendo com que fiquemos com dúvidas sobre o que escolher. Este é apenas um dos exemplos de sua presença e atuação na relação retroalimentativa com o próprio sujeito. Outro exemplo se dá na relação com a alteridade, quando nos relacionamos afetivamente com as pessoas, uma vez que suas atuações também são constantes. As energias costumam opinar diretamente sobre todas as coisas, como, por exemplo, quando nossas parceiras ou parceiros estão a escolher algo, e a *ânima/animus* intervém nas decisões. Se porventura suas energias estiverem regressas aos porões da obscuridade, as nossas energias femininas/masculinas entrarão em atividade e convencerão o/a outro/a da escolha, assim como se nossa *ânima/animus* estiver regressa em nosso íntimo, e se as energias de nossos parceiros/as não estiverem, elas/es nos convencerão das escolhas. Dessa maneira, ambas as energias possuem alto poder de persuasão.

Na escolha por nossos parceiros e/ou parceiras, por exemplo, há também atuações da *ânima/animus*, visto que



determinados sujeitos devem agradar muito mais a elas do que a nós. A partir disso, podemos dizer que, nas relações amorosas, a *ânima/animus* também se desvela, e passamos a ter apreço por esses indivíduos quando agradam aquelas que somos internamente. Porém, quando é de modo reverso, não queremos vê-los/as próximos/as a nós de modo algum. Com isso, aponto que os exemplos dados partem da perspectiva das projeções e identificações que a nossa *ânima/animus* faz com relação a nós e aos outros/as.

Os exemplos acerca das relações equivalem não apenas às trocas com os nossos amores, mas também com amigos e familiares. Vejamos, dessa forma, que a *ânima/animus* projeta-se constantemente por meio de nós sobre todas as coisas, assim como se identifica ou não com tudo aquilo que está à sua/nossa volta. Desse modo, como muitas pessoas não têm consciência sobre suas presenças e manifestações, sempre confundem com a própria personalidade. E muitas vezes não temos conhecimento de ambas as energias devido a toda educação heteronormativa e compulsória que tivemos ao longo da vida. Educação esta que vem nos obrigando, desde a infância, a nos relacionarmos somente com aquilo que seria adequado para nós conforme nossa genitália, como no caso dos indivíduos com pênis, que sempre foram forçados a se relacionar com o que lhes

remetia ao masculino e, no caso dos indivíduos com vagina, com o que estava na esfera do feminino. Esses “mundos” foram culturalmente criados e se firmaram ao longo dos tempos. Quando introjetados nessa dura realidade, na qual meninos só deveriam brincar com meninos e/ou se relacionar com objetos de “cores masculinas”, como azul, e meninas, com cor-de-rosa e brincar com outras meninas, a *ânima/animus* foi ficando regressa às dimensões interiores desses sujeitos, ou seja, presa aos porões da obscuridade. Vejamos que a heteronormatividade veio a nos limitar como um todo, comprometendo nossa existência a partir das ações teórico-práticas, que são excludentes. As noções sobre homem e mulher, feminino e masculino, a meu ver, também são estruturas colonizadoras que aprisionam os corpos e as mentes. São conteúdos, se assim podemos chamar, que se encontram arraigados em todas as pessoas – nesse aspecto, confesso que gostaria de encontrar maneiras de me distanciar dessas normas-padrão hegemônicas de definição. Sobre esses padrões de comportamento, complemento que

cabe apontar que essas são atribuições culturais impostas às figuras dos homens e das mulheres, contudo, não encaramos desta maneira, mas sim do tipo oposto, como algo natural, que faz parte da essência do ser. São resquícios da sociedade patriarcal nos quais estamos imersas. Os meninos/meninas que estavam/estão distantes desses padrões de comportamento

impostos pelo patriarcado eram/são submetidos/as aos enquadramentos, ou seja, tinham/têm seus corpos violentados, punidos física e psicologicamente. Vejamos que esses padrões são culturalmente impostos e partem de lógicas históricas, e, evidentemente, têm se estendido por todos os espaços. (Nunes, 2020, p. 189).

Adiante, serpentearemos mais pontualmente sobre essa problemática social, dando continuidade ao fato de mirar holofotes nas energias masculinas e femininas que atuam dentro de nós, relacionando-as, ainda mais, às noções de gênero.

A ÂNIMA/ANIMUS ENLAÇADA ÀS NOÇÕES DE GÊNERO: VISITANDO OS PORÕES DA HISTÓRIA

Há séculos, povos de diferentes sociedades criaram estigmas sobre as figuras masculina e feminina, e, até o presente, esses estigmas circundam os sujeitos. Como uma norma-padrão, definiram que a figura do homem, mais precisamente a sua genitália, representava o masculino, e sua virilidade, assim como sua força, passaram a ser cultuadas. O homem destemido, um ser cortante, viril e forte, passou a impor medo sobre todas as outras pessoas, incluindo outros homens, e isso entrou em atividade independentemente de raças e classes. Tais exemplos foram



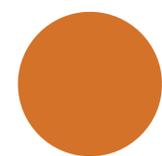
notados por mim a partir do empirismo, contudo, isso se intensificou desde o momento em que passei a experienciar essas questões, ou seja, fui obrigada a trabalhar desde cedo, bem como a ser independente, enquanto minhas irmãs tinham que estar sempre em casa, cuidando do lar. Vejamos que se trata de costumes culturalmente impostos, todavia, alguns enxergam esses estigmas como algo natural, como se fizessem parte dos sujeitos a partir de suas genitálias, e, sem sombra de dúvida, essa é uma problemática social e histórica seguida por inúmeros povos e culturas.

Segundo a pesquisadora Judith Butler (2019), a compulsão pela heterossexualidade é vista como um regime de poder que acontece de forma constante em todas as partes do mundo e obriga as meninas/mulheres, assim como as essências femininas dos sujeitos – *ânima* –, a estarem num traçado de subalternidade, sem o direito de se manifestar ou de atuar/performar em contexto social. A compulsão exige que meninos se distanciem de suas essências, que não tenham contato com suas emoções e que não sejam delicados, pois, caso contrário, afetarão negativamente a sua virilidade. Esses estigmas criados socialmente nos aprisionam de várias maneiras (corpos, mente) e chegam a excluir pessoas que estão distantes desses padrões. Todos esses costumes seguidos pelos meninos/homens fazem com que sua *ânima* – as mulheres

que residem em seu universo interior – fique regressa aos porões da obscuridade, assim como o *animus*, no caso das mulheres, e isso ocorre devido a toda imposição heteronormativa cultural que recai sobre nós.

O que, desta forma, estamos culturalmente naturalizando enquanto masculino e feminino? Até que ponto temos que nos limitar e se dedicar a uma só energia? As performatividades de gênero não devem ser levadas em consideração? “Além disso, como identificar, desde a origem, a uma predisposição ‘feminina’ ou ‘masculina’.” (Butler, 2019, p. 111). Será que realmente há um conjunto de caminhos naturais que nos leva às identificações de um gênero específico num sujeito, sem que sejam culturalmente impostos? Se sim, quais são esses caminhos? (Nunes, 2020, p. 196).

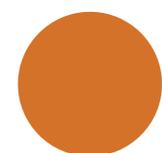
Não podemos negar que pertencemos a uma sociedade patriarcal que supervaloriza a virilidade masculina, enquanto coloca a feminina em zona abissal. Essa valorização compulsória fez com que homens fossem obrigados a se relacionar tão somente com a masculinidade e mulheres, com a feminilidade. Essa “norma” histórica, social e cultural nos prendeu em inúmeros padrões, o que nos estimulou a rejeitar a nossa outra metade. Ao passo que estamos negando nossa *ânim*a/*animus*, não estamos negando apenas elas, mas a nós mesmas, a nossa própria história enquanto um ser completo, total. Exilar uma parte de nós é como matar a nossa inteireza e nos nutrir apenas de uma parte.



Ao recusarmos essas energias, elas se revoltam contra nós, fazendo com que fiquemos mal-humoradas/os, ao passo que quem irá lidar diretamente com esses maus humores são as pessoas que estão à nossa volta. A *ânima*, nos corpos dos homens, afeta diretamente as mulheres de carne e osso; o *animus*, nos corpos das mulheres, afeta os homens de carne e osso. Muitas pessoas não sabem, mas casos de violência contra os corpos femininos aconteceram, e ainda acontecem, devido aos homens não saberem encarar e/ou aceitar a própria feminilidade. Esses eventos, se assim podemos chamar, ocorrem no mundo há séculos, iniciados no famoso período de caça às bruxas. E, de modo algum, posso dizer que essas violências contra mulheres acabaram.

O homem não é senhor de sua própria casa quando presa dos humores, porque está sendo governado e é impossível viver assim. Também torna-se um crítico mordaz em relação à mulher mais próxima, a que estiver a seu alcance. Alguma coisa lhe diz que aquela mulher, a mulher interior, é perigosa. Por isso critica a sua esposa, claro, por ele nada saber a respeito da mulher que tem dentro de si. (Johnson, 1987, p. 59).

Todo e qualquer homem precisa conhecer e lidar com sua feminilidade, livrar-se das amarras sociais para que sua *ânima* passe a entrar em atividade; no caso das



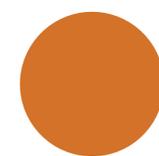
mulheres, com seu *animus*. Faz-se necessário descolonizar a *ânima* e o *animus* para conhecermos aquelas e aqueles que habitam nossa dimensão interior. São vias de mão dupla, complementares em nosso íntimo: elas não vivem sem nós, e nós não vivemos sem elas.

Enquanto artista e pesquisadora, venho realizando estudos sobre a *ânima* e o *animus* há quase dez anos, a fim de me aliar à minha *ânima* e conhecer um pouco mais sobre aquelas que habitam meu universo interior. Posso dizer que, ao longo desse tempo, tornei-me conhecedora de femininos pacíficos, revoltos, fúnebres e destemidos que desaguaram nos palcos, e todo esse conjunto de seres sou eu, pois encontram-se em minha interioridade. Foi necessário eu não ter vergonha de mim mesma, de minha história e, sobretudo, lutar contra os aprisionamentos da *ânima*, principalmente as prisões impostas por essa sociedade patriarcal que nega parte daquilo que é feminino. Conhecer a *ânima* e o *animus*, saber de sua existência é o mesmo que conhecer a si e se inteirar dos próprios impulsos, o mesmo que compreender os pensamentos e as razões, bem como saber controlar as próprias emoções. Em suma, é conhecer os padrões e as energias cíclicas que se renovam a cada rito de passagem. Sendo a *ânima/animus* arquétipo, assim como a nossa *sombra*, evidentemente nos assustamos nas primeiras relações; porém, os esforços

sempre serão necessários, uma vez que, surgindo, ela nos levará ao encontro com nós mesmos. Descolonizá-la é imprescindível para, então, avançar.

Toda a pesquisa sobre a psicologia analítica de Jung, tendo como base a minha *ânima*, entrou em atividade em 2013, no contexto da graduação em Teatro na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Esses estudos atravessaram o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGArC) da mesma universidade, sob orientação da Ph.D. Luciana Lyra (UERJ), e estão se ramificando numa pesquisa de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGT/UDESC), sob orientação da professora Dra. Maria Brígida de Miranda e co-orientação da Dra. Sandra Meyer Nunes, sendo uma pesquisa financiada pela CAPES. Por meio das artes da cena, tendo como plataforma a Dança, o Teatro e a Performance, avisto no horizonte meu eu feminino, que se ramifica através de estudos teóricos e práticos. Na atual empreitada, busco remontar e recontar estórias orais outrora colhidas em meu seio familiar, via Pesquisa de Escuta.

Tenho me dedicado à realização desse estudo sobre a *ânima* e o *animus*, enlaçando-os às noções de gênero, a fim de enxergar em quais encruzilhadas esses saberes se encontram verdadeiramente e como eles reverberam em



nós enquanto sujeitos. Para além disso, sigo realizando uma Pesquisa de Escuta com as mulheres de minha família Mulato, colhendo suas narrativas e remontando seus ritos de passagem, erguendo tripés de interlocuções entre *ânima*, noções de gênero e atos performáticos, para chegar à criação de comunicações pelas vias da fala/cena. Até o momento, reconheço-me como um sujeito com o corpo fora dos padrões heteronormativos, lido como um corpo abjeto/dissidente, mas que não se anula frente ao fato de se relacionar diretamente com a própria essência feminina, ou seja, com aquilo que verdadeiramente sou.

A ATUAÇÃO DO FEMININO/ÂNIMA NA SEARA DAS ARTES DA CENA

Como apresentado acima, todas as minhas empreitadas acadêmicas entraram em atividade a partir do momento em que resolvi me libertar dos padrões heteronormativos e compulsórios. Ao passo que me dedicava às jornadas de individuação, sendo este um processo único e significativo, por meio do qual nos permitimos compreender quem de fato somos interna e externamente, fui me lançando no mundo. A partir dessa individuação, tive como mote investigativo a minha feminilidade, *ânima*, na seara das artes da cena.

O processo de individuação acontece conosco do



primeiro ao último suspiro; entretanto, na infância, ocorre de modo inconsciente por não estarmos com as estruturas da psique alinhadas, e assim prossegue por um determinado tempo até que atinjamos certa idade. Conforme afirma Jung, a individuação acontece de modo consciente na metade de nossas vidas. Entretanto, para ela ocorrer de modo consciente, é necessário estarmos providos de uma grande parcela de discernimento, para que possamos lidar de maneira responsável com tudo o que formos recebendo de conteúdo e informação. Em resumo, dialogar e assumir os fatos que ocorrem conosco, e enfrentar com maturidade as situações que são vistas nas estradas da vida faz parte do processo de conscientização exigido na jornada de individuação. Em vista disso, quando estamos maduros, conscientes do mundo e de nós mesmos, ela acontece a partir do instante em que decidimos nos individualizar, ou seja, nos conhecer e conhecer o mundo ao nosso redor por meio de nossas próprias experiências.

A *ânima*, como energia arquetípica, transforma-se a cada dia e a cada situação. Podemos dizer que suas atuações são constantes e, diante de suas manifestações, é comum avistarmos no horizonte algumas personas ou figuras arquetípicas que pertencem ao nosso inconsciente pessoal. Quando enxergamos essas personas ou figuras, no caso de já termos afinado laços com nossa *ânima*,



estamos fazendo projeções dela, ou seja, delineamos sua atuação, sua aproximação ou com quem ela se assemelha. É como se estivéssemos relacionando sua atuação, que ocorre por meio de nós mesmas, a alguns mitos ou a algumas narrativas culturais, tendo em vista aquelas que são familiares a nós, ou não. Segundo a pesquisadora pernambucana Danielle Perin Rocha Pitta (2017),

o mito seria então a organização de imagens universais (arquetípicas) em constelações, em narrações, sob a ação transformadora da dinâmica das situações sociais. O que implica em uma relação íntima entre o indivíduo, a espécie e o cosmos. O inconsciente coletivo é estruturado pelos arquétipos, ou seja, por disposições hereditárias para reagir. Esses arquétipos se expressam em imagens simbólicas coletivas, o símbolo sendo a explicação “encarnada” do arquétipo. (Pitta, 2017, p. 21).

Dessa maneira, podemos constatar que a atuação da *ânima* está diretamente ligada às estruturas culturais de um modo geral, as quais também nos influenciam constantemente. Nos estudos sobre o imaginário, Pitta (2017) fala sobre a importância de imaginar, a partir da perspectiva de Gilbert Durand, afirmando que é um processo natural dos sujeitos. Do mesmo modo, discorre sobre a importância das imagens, expondo que elas nos guiam e nos influenciam em todos os sentidos. Por esse motivo é que relacionamos, de forma automática, a nossa *ânima*/

animus a algumas narrativas ou figuras de um ser. Em suma, o que desejo apontar é que o modo como enxergamos a *ânima* não depende totalmente dela, mas também de nós, cujos olhares variam de acordo como somos tratadas/os em contexto social, uma vez que as relações interpessoais influenciam diretamente nessas manifestações. Assim, é possível que avistemos diferentes tipos de *ânima/animus* em seus diferentes níveis e estados.

Na intenção de apresentar o processo de descortinamento de minha *ânima* via artes da cena, lançarei mão das investigações à que tenho me dedicado na pesquisa de doutoramento. Desde 2016, venho ocupando um lugar de escuta entre as mulheres de minha família Mulato, tendo em vista que ouvir, para mim, é importante, pois aprendi inúmeras coisas através da oralidade. Com isso, passei a escutar suas histórias de resistência, e foi nesse traçado que me vi diante da realização de uma Pesquisa de Escuta. Essa jornada teórico-prática que ocorre em campo possibilitou que eu fosse ao encontro de minha ancestralidade, fazendo com que suas narrativas não viessem a cair num espaço de esquecimento, por meio do qual a sociedade patriarcal busca invisibilizar as histórias femininas. Essa troca, além de fortalecer laços de parentesco, abriu caminhos para que eu desancorasse, em comunhão com essas mulheres da família Mulato, narrativas que outrora estavam embaçadas.



Contudo, “para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios”. (Perrot, 2007, p. 21).

Ocorre igualmente uma autodestruição da memória feminina. Convencidas de sua insignificância, estendendo à sua vida passada o sentimento de pudor que lhes havia sido inculcado, muitas mulheres, no ocaso de sua existência, destruíam — ou destroem — seus papéis pessoais. Queimar papéis, na intimidade do quarto, é um gesto clássico da mulher idosa. Todas essas razões explicam que haja uma falta de fontes não sobre as mulheres nem sobre a mulher, mas sobre sua existência concreta e sua história singular. No teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra. (Perrot, 2007, p. 22).

As narrativas femininas colhidas servem-me de base para a criação de contos e de comunicações performáticas, permitindo que a minha *ânim*a desvele-se quando friccionada sobre essas histórias de mulheres. Assim, em 2019, realizei minha primeira jornada de Pesquisa de Escuta, e cheguei à primeira comunicação performática ao longo do doutoramento, confabulada na disciplina Teatro Feminista, ministrada pelas professoras Dras. Maria Brígida de Miranda e Daiane Dordete, e ofertada na UDESC, no

segundo semestre de 2019. A disciplina de 60 créditos tinha como objetivo final a criação de uma comunicação cênica. Resolvi, dessa forma, me dedicar aos estudos práticos de uma montagem, avistando no horizonte a minha *ânima*. Por meio de uma prática ritualística, tendo como base os elementos da natureza água, ar, fogo e terra, vi-me diante de um ser contador de histórias: era o arquétipo da morte. Aquela figura, que não era homem nem mulher, mas um ser sem sexo, andrógino, e que visitava os corpos desalmados, passou a contar a história de uma mulher que era mantida em cárcere. No conto, essa mulher tinha medo da liberdade, pois lhe foi dito que ser livre era algo perigoso, ainda mais se tratando de uma mulher tão bondosa e com poderes mágicos. Esse conto da mulher-pássaro faz parte da escrita da tese, na qual remonto algumas narrativas para que elas sejam *carnificadas*⁸ via processos míticos e ritualísticos. Cabe ainda apontar que para a confabulação desse conto, tive como base a história de vida de minha mãe, Edgleide Mulato, mulher que, ao longo da vida, foi impedida de sonhar.

⁸ Esse jargão pode ser comparado à “corporificação”, querendo dizer que trazemos para nós aquilo que estava distante para ser ritualizado.



Fotografia 1 - Desalojada
Fonte: Roberta (2019)⁹.

Essa primeira comunicação cênica foi intitulada *Desalojada* e teve duração de vinte minutos. Durante a trama, vi-me diante não apenas dos arquétipos da morte, mas também do pássaro e da mulher solitária, transitando entre um universo e outro, contando histórias. A visita a essas energias foi proveniente da relação com a minha *ânima*, ou seja, com o meu eu feminino, que me apontou que há inúmeras possibilidades de ser mulher, assim como de ser homem, e que, para sê-lo, mesmo que performativamente, não se faz necessário uma vestimenta “feminina” ou “masculina”, mas sim ter acesso às próprias cavidades, para revisitar os porões das memórias, a fim de ver em quais lugares

⁹ GOMES, Dayana Roberta. *Desalojada*. 2019. 1 fotografia.

estão essas energias retroalimentativas, permitindo que elas emergjam.

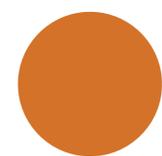
Dessa maneira, o meu eu feminino

[...] expande-se de forma concreta, revelando-se enquanto mote fundante de pensamentos teóricos e práticos, de caráter contemporâneo, onde, em meu intenso traçado pelas vias das artes da cena apresento enquanto artista e pesquisadora, talvez poeta da cena, resultados das buscas incessantes por figuras femininas que habitam minhas entranhas d'alma. (Nunes, 2020, p. 188).

CONCLUSÃO - ADIANTE COM O FEMININO MARGINAL

Pudemos perceber com este artigo que, quando a *ânima* e o *animus* estão regressos aos porões da obscuridade, não conseguimos controlar muitos dos nossos impulsos anímicos. Por isso, é necessário, antes de mais nada, aceitarmos quem somos, descobrindo-nos, via jornada de individuação, e acampando na nossa própria dimensão interior. Essa jornada é quase sempre dolorosa, contudo, fundamental. Uma prova de coragem que basta para afugentar a maioria dos indivíduos.

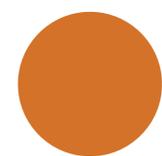
A partir dos estudos fomentados por Jung afirmo que ninguém, jamais, conseguirá se distanciar daquilo que realmente é, nem tão pouco conseguirá negar a própria natureza instintiva, e



que, num dado momento, toda essa natureza se reunirá e há de levar os sujeitos para os locais mais oportunos e lhes desvelarão suas histórias. (Nunes, 2020, p. 205).

Assim, apresentei por meio deste artigo caminhos que me levaram ao encontro comigo mesma e ao processo de descolonização do feminino. Quanto à *ânima* e ao *animus*, não se trata, como geralmente pensam alguns, de representações, de alegorias ou situações de incorporações, seja no cenário social ou artístico, mas sim de como o sujeito pode ser cotidianamente livre das imposições heteronormativas, dos padrões e das amarras sociais. Enquanto tais padrões nos deixam regressas e obscuras em nossa dimensão interior, ambas as energias não conseguem atuar em nossas vidas, causando confronto com nós mesmas devido a presilhas oriundas da normatividade hegemônica. Vejamos a *ânima* e o *animus* como a natureza selvagem do ser, como nós somos, contudo, com a sua própria personalidade, mas que atuam sobre nós, complementando a nossa inteireza. Podemos aproximá-las de *personas* que não somos nós, mas também somos, porém, por outra perspectiva. Um eu que se projeta e se identifica com o todo.

Para estabelecer o contato direto com a nossa *ânima/animus*, precisamos, primeiramente, descolonizar nossas



mentes e nossos corpos. Somente agindo assim permitiremos que atue sobre nós, numa interação subjetiva e fortificante. Evidentemente, a *ânima* e o *animus* apontarão no horizonte quem somos e o que carregamos de oculto dentro de nós. Para além disso, elas nos mostrarão suas diversas maneiras de ser, estar e atuar sobre nós. Olhar para minha *ânima*, meu eu feminino, e fruir sua existência via artes da cena é uma maneira de fazer com que outros indivíduos venham a buscar suas próprias energias/essência, caminhando contra a masculinidade tóxica, opressora e colonizadora. Por fim, ligar-se ao eu feminino é um ato revolucionário, necessário e único. Lançar mão desse eu total tornou-se indispensável e pensar analiticamente a *ânima/animus* é compreender o que a cultura heteronormativa engessou ao longo dos tempos. Podemos, sim, desengessar esse feminino, retirando-o das camadas mais abissais que existem em nós.



__REFERÊNCIAS

JOHNSON, Robert A. **He**: a chave do entendimento da psicologia masculina: uma interpretação baseada no mito de Parsifal e a procura do Santo Graal, usando conceitos psicológico jungianos. Tradução de Maria Helena de Oliveira Tricca. São Paulo: Mercuryo, 1987.

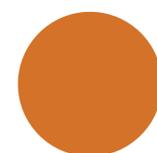
JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

NUNES, João Vítor Ferreira. **A força e a chuva feminina em um sertão bem masculino**: imersão performática nos ritos de passagem de Bia Mulato pela mitodologia em arte. 245 f.: il. Dissertação de Mestrado no PPGArC da UFRN, 2019a.

NUNES, João Vítor Ferreira. **ÂNIMA E(M) PERFORMANCE**: Cartografia poética da feminilidade. Arte Da Cena (Art on Stage), v. 6, n. 1. p. 186 – 207, 2020b. DOI: <https://doi.org/10.5216/ac.v6i1.63327>. Acessado em 17 de setembro de 2020.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. 2. ed. Curitiba: CRV, 2017.



GOMES, Dayana Roberta. **Desalojada**. 2019. 1 fotografia.

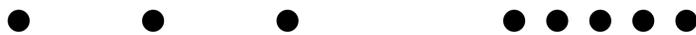
STEIN, Murray. **Jung, o mapa da alma**: uma introdução. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

TURNER, Victor. **Floresta de Símbolos**: aspectos do ritual Ndembu. 2. ed. Niterói, RJ: Vozes, 2005.





PPG-Artes da Cena
 Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena
 Instituto de Artes - UNICAMP



ISBN: 978-65-88507-02-5

